

Desambiguar
LACAN
de
FREUD

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Luísa Zardo
REVISÃO Andréa Ilha e Mauricio Wajciekowski
EDITOR Lucas Krüger
FOTO DA AUTORA Letícia Volpi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P436t — Pereira, Priscila Frehse

Transferência negativa: manejo e limites na clínica
psicanalítica / — Priscila Frehse Pereira — Porto Alegre:—
Artes & Ecos, 2022.

ISBN: 978-65-87457-22-2

1. Psicanálise. I. Título.

CDD 159.964:2

Artes & Ecos
contato@arteseecos.com.br

Sumário

- 12 Introdução**
Luciana Nunes de Nunes, Sander Machado da Silva
- 12 Observações epistemológicas acerca da psicanálise de Jacques Lacan**
Luciana Nunes de Nunes
- 12 De que retorno a Freud?**
Sander Machado da Silva
- 12 A dissolução do legado de Lacan**
Alfredo Eidelsztein
- 12 O enxerto do aparelho psíquico: do preconceito paralelista de Freud ao sujeito inteiramente articulado de Lacan**
Martín Mezza
- 12 Considerações sobre o problema da responsabilidade em psicanálise**
Camila Quinteiro Kushnir
- 12 Lacan in his own write (Lacan em sua tinta)**
Ricardo Goldenberg
- 12 A Coisa entre Lacan e os lacanianos**
Flávia Gomes Dutra
- 12 Contingente ou determinado?**
Marta Regina de Leão D'Agord

Introdução

Luciana Nunes

Sander Machado da Silva

A ideia deste livro surgiu de conversas sobre nossos percursos, bastante diversos, nos estudos de Lacan. Nesse contexto, falávamos acerca de nossa surpresa, ou até mesmo espanto, em nos depararmos com a radicalidade das concepções de Lacan ao começarmos a ler esse autor fora da chave de leitura dos conceitos de freudianos. Localizamos, assim, uma percepção em comum de que, sobre essa diferença radical, um apagamento, em diversos níveis, parecia insistir em se reproduzir.

À medida que íamos nos aprofundando nesses estudos e diálogos, tomávamos contato com a produção de analistas críticos em relação a tal apagamento — aliás, alguns dos quais temos o privilégio de contar como autores desta coletânea. Nessa trajetória, encontramos a proposta nomeada de desambiguação, a qual nos apontou uma direção de trabalho. A vontade de instigar e de contribuir com esse debate nos motivou a organizar esta publicação.

Ao enunciar *Desambiguar Lacan de Freud*, nosso desejo é trabalhar numa direção de desfazer a suposta equivalência entre as construções teóricas desses autores. Partimos da premissa de que não é possível considerar homólogas as concepções, para citar apenas um exemplo, de inconsciente nas teorias de Freud e de Lacan. Desambiguar, portanto, é a função de estabelecer e de fazer trabalhar diferenças equivocadamente tomadas como tendo um mesmo significado “em outros termos”.

É comum, em espaços de transmissão da psicanálise dita lacaniana, escutar frases como: “Lacan disse isso melhor porque o disse em outros termos”, articulando o ensino de Lacan à teoria freudiana, estabelecendo para tal ensino a função de continuidade ou progressão da segunda. Essa são confusões sustentadas no conhecido; mas, talvez pouco discutido seja o programa de retorno a Freud proposto por Lacan.

É impossível desconsiderar Freud como um precursor e interlocutor constante de Lacan na perspectiva da descoberta do inconsciente, isto é, tantas vezes citada nos termos da *descoberta freudiana*. Essa descoberta não é idêntica à teoria que Freud erige em torno dela. Se Lacan retoma a descoberta freudiana, entendemos que o faz numa perspectiva de descontinuidade, contraposição e ruptura com a teoria de Freud.

Sem dúvidas, a devida distinção entre os fundamentos de uma teoria e da outra implica uma infinidade de conceitos a serem desambiguados. Isso não quer dizer que não existam ambiguidades no discurso de um e de outro autor, mas não se trata do mesmo discurso. É essa ambiguidade, notória e peculiar do campo psicanalítico, que colocamos em questão. Não obstante, estamos cientes de alguns dos contrapontos dessa proposta, os quais são bem-vindos, visto que buscamos um efetivo debate.

A operação de distinguir tais teorias não pretende estabelecer qualquer tipo de hierarquia entre os psicanalistas desta ou daquela tendência. Rejeitamos qualquer forma de paixão identitária nesse debate. Aqui, interessam-nos os argumentos lógicos e coerentes com a epistemologia na qual cada tendência teórica pretende se sustentar. Isso ocorre na medida em que entendemos que as psicanálises freudiana e lacaniana são teorias que partem de epistemologias e de diálogos distintos com saberes também diversos no campo das ciências.

Desse modo, trata-se de paradigmas particulares da psicanálise, o que resulta em articulações, limites e horizontes também distintos. Nosso principal objetivo é reconhecer e delimitar as diferenças nas proposições de ambos os autores, a fim de criar condições de possibilidade para fazer avançar o discurso psicanalítico. Em outras palavras, trata-se de abrir novos problemas e novas perspectivas de pesquisa.

Desambiguar, se for tomado como significante, não pode jogar sozinho, ou seja, não pode representar-se a si mesmo. Nas páginas que se seguem, portanto, cada autor irá fazê-lo jogar diferentemente, conforme suas argumentações ou contrapontos ao termo que dá título ao presente livro; porém, não há nada de surpreendente nisso. No entanto, é preciso que os organizadores deste debate registrem, aqui, como haviam pensado esse projeto, já que seu destino, para além daquilo que os autores escreveram, caberá aos seus leitores.

Com efeito, aqueles que se engajaram neste projeto aceitaram nossa convocação para compartilhar suas investigações por meio da presente publicação. Desejamos que algo desse efeito de chamado ao debate também possa se produzir nos nossos leitores.

Observações epistemológicas acerca da psicanálise de Jacques Lacan

Luciana Nunes de Nunes

Proponho que uma das dificuldades para apreender a transmissão de Lacan é tomá-la como uma continuidade do pensamento freudiano. Penso que abordar Lacan, ao partirmos dessa perspectiva, torna, muitas vezes, incompreensível o ensino de Lacan, por si próprio complexo e difícil. Estou propondo que se estude Lacan sem referência a Freud? Não. Na minha visão, prescindir da obra freudiana traz o risco de incorrer em interpretações equivocadas do ensino de Lacan. Entretanto, sustento que é preciso tomar o “retorno a Freud” lacaniano a partir de uma contextualização em relação às bases epistemológicas sobre as quais Lacan erige esse empreendimento.

A ideia a ser discutida é a de que o ensino de Lacan está em relação de descontinuidade e, muitas vezes, de ruptura e de contraposição à teoria freudiana. Sobre isso, penso que vale situar uma diferença entre a teoria freudiana e o que Lacan se refere, incontáveis vezes, como a *descoberta freudiana*. Lacan revisita essa descoberta com ferramentas conceituais completamente diferentes das que encontramos na teoria freudiana. Para Lacan, trata-se do que ele chama de ciências conjecturais, ali onde Freud sustentou uma filiação às ciências da natureza.

Pretendo fazer essa reflexão por meio de uma interlocução com dois textos de Lacan: *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953) e *A ciência e a verdade* (1965-1966). O primeiro pode ser visto como a plataforma do ensino de Lacan, no qual ele faz um diagnóstico da situação da psicanálise naquele momento, apontando seus desvios e lançando o seu programa de retorno a Freud — insisto: programa de retorno à descoberta freudiana. *A ciência e a verdade* é escrito fazendo referências ao que foi trabalhado no *Seminário 11, Fondements*, logo após o seguimento de sua excomunhão, como Lacan mesmo nomeia sua expulsão da IPA. Nesse trabalho, Lacan estabelece qual seria o objeto da psicanálise a partir de toda uma contextualização epistemológica.

Em “*Função e campo*”, Lacan (1953) situa os problemas da psicanálise, em termos de desvios, a partir de três aspectos: a importância dada à função do imaginário (das fantasias); a ênfase colocada sobre a noção das relações libidinais de objeto; e a relevância concedida à contratransferência. Ele deriva esses pontos como originários, respectivamente, do trabalho dos psicanalistas com as crianças, com as psicoses e dos “embaraços do término da análise” nas análises didáticas.

Lacan (1953) coloca que essas três ênfases têm em comum o fato de se apresentarem ao analista como tentação de “[...] **abandonar o fundamento da fala, justamente em campos em que sua utilização, por confinar com o inefável, exigiria mais do que nunca seu exame [...]**” (p. 244, grifo nosso). E acrescenta, adiante: “Quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente. A evidência desse fato não justifica que se o negligencie” (p. 248).

Lacan adverte para a tentação de abandonar o fundamento da fala, justo em campos em que a sua utilização — explicitamente o falar, a possibilidade de utilização da fala — confina com o inefável, ou seja, com o indizível. Confinar quer dizer fazer fronteira, aproximar-se muito, restringir-se, limitar-se, encerrar-se. Dessa forma, Lacan nos faz observar que é precisamente ali, onde a fala parece escapar, defrontar-se com um limite, que é preciso sustentar sua escuta.

Lacan lê, no fazer psicanalítico de seu tempo, uma “deterioração do discurso analítico”, que ele diagnostica como relacionada a uma

técnica que privilegia o registro imaginário desvinculado do registro simbólico. Ele faz observar que isso ocorre ao se trabalhar o “aqui agora” enfatizando as relações objetais, o ego, e a contratransferência, produzindo o risco de alienação do sujeito. Nesse contexto, ele propõe retomar a função da fala no campo da linguagem, considerando que, para tanto, a leitura de Freud não é supérflua.

O autor diz: “Se a psicanálise pode tornar-se uma ciência — pois ainda não o é —, e se não deve degenerar em sua técnica — o que talvez já seja um fato —, devemos resgatar o sentido de sua experiência” (Lacan, 1953, p. 268). Nesse trecho, ele aponta o retorno a Freud como resgate do que se dá a ver nos textos freudianos sobre a interpretação dos sonhos, sobre a psicopatologia da vida cotidiana e sobre os chistes.

Dos sonhos, Lacan (1953) destaca sua estrutura de frase, de rébus, de escrita que reproduz “[...] o emprego fonético e simbólico, simultaneamente, dos elementos significantes [...]” (p. 268). A psicopatologia da vida cotidiana, por sua vez, deixa “[...] claro que todo ato falho é um discurso bem-sucedido, ou até formulado com graça [...]” (p. 269). E nos chistes

[...] o efeito do inconsciente nos é demonstrado até os confins de sua fineza; e a face que ele nos revela é justamente a do espírito, da espíritosidade, na ambiguidade que lhe confere a linguagem, onde a outra face de seu poder de realza é a ‘saliência’ pela qual sua ordem inteira aniquila-se num instante [...]” (Lacan, 1953, p. 271).

Sobre os chistes, Lacan diz, ainda: “**Em parte alguma, com efeito, a intenção do indivíduo é mais manifestamente superada pelo achado do sujeito — em parte alguma a distinção que fazemos entre ambos faz-se sentir melhor [...]**” (p. 272, grifo nosso).

Vemos que Lacan apresenta o que recolhe dos sonhos, dos lapsos, dos chistes a partir de outro olhar, diferentemente da visada freudiana, sobre tais formações do inconsciente. Quando Lacan fala em termos de estrutura de frase, de escrita, de fonema, de elementos significantes, de discurso, de saliência e de sujeito, ele já está retornando a Freud munido de uma outra epistemologia.

Melhor dizendo, partindo de um outro paradigma científico, Lacan encontra, naquilo que Freud descortinou, uma outra articu-

lação e, arrisco a dizer, um outro inconsciente. Trata-se, em Lacan, de abordar o objeto de estudos desde uma articulação conjectural. Retomaremos, adiante, a noção de conjectura.

Lacan descobre outras coisas na descoberta freudiana. Lacan descobre o inconsciente estruturado como uma linguagem. Pode-se advogar, em nome da perspicácia da escuta freudiana, que algo desse inconsciente como linguagem já estava em Freud. De fato, Freud emerge de seu estudo sobre as afasias, sobre as representações, passando pelas inscrições e por toda uma teoria interessante sobre como se constrói a memória a partir de traços. No entanto, ele verte seu caminho para a energética pulsional, para o conflito de forças, enfim, para o biológico, por meio de modelos oriundos da física e da química, sustentando a psicanálise como uma *Naturwissenschaft*, uma ciência da natureza (Assoun, 1983).

Se a clínica freudiana (aqui tomamos estritamente o fazer clínico de Freud) esbarra nesse inconsciente como linguagem, suas formulações teóricas acabam por levá-lo a outros caminhos. Aqui, seu suporte epistemológico é decisivo e parece impor a Freud aquele desvio de sua própria descoberta, que Lacan (1953) imputa ao “[...] pavor que se apodera do homem ao descobrir a imagem de seu poder [...]” (p. 243).

Seguindo em “*Função e Campo*”, Lacan destaca que, se o único meio pelo qual deve acontecer a experiência analítica é o da fala do paciente, essa fala faz função ao ser enunciada a partir do campo da linguagem:

Pois, se a originalidade do método é feita dos meios que ele se priva, é que os meios que ele se reserva bastam para constituir um campo cujos limites definem a relatividade de suas operações. Seus meios são os da fala, na medida em que ela confere um sentido às funções do indivíduo, seu campo é o do discurso concreto, como **campo da realidade transindividual do sujeito**; suas operações são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade no real (1953, p. 258-259, grifo nosso).

Aqui cabe destacar que o campo do discurso é dito como sendo um campo transindividual. Lembrando o aforismo lacaniano que diz que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, vale notar que a concepção de inconsciente, em Lacan, é transindividual. Não

se trata do meu ou do teu inconsciente. O inconsciente está na linguagem e se faz sujeito por meio da fala.

Sobre o campo da linguagem, Lacan indica a sua anterioridade no que diz respeito a tudo que pode ser considerado como estando em relação ao sujeito. Anterioridade, aqui, no sentido de que os fatos, em psicanálise lacaniana, são fatos de discurso (Lacan, 1972-1973). Ele afirma:

[...] o que define um elemento qualquer de uma língua como pertencente à linguagem é que ele se distingue como tal, para todos os usuários dessa língua, no suposto conjunto constituído pelos elementos homólogos. Decorre daí que **os efeitos particulares desse elemento da linguagem estão ligados à existência desse conjunto, anteriormente a sua possível ligação com qualquer experiência particular do sujeito**. E que considerar esta última ligação fora de qualquer referência à primeira consiste, simplesmente, em negar nesse elemento a função própria da linguagem (Lacan, 1953, p. 275-276, grifo nosso).

Em outras palavras, a linguagem já está dada, uma vez que ela já é um conjunto de elementos diferenciais de uma língua antes mesmo que o sujeito possa experimentá-la de modo particular. A radicalidade dessa proposta se mostra no caráter criador do campo da linguagem em suas articulações discursivas — campo que engendra os efeitos de sujeito e seu mundo. Prosseguindo, o autor propõe que:

Por aquilo que só toma corpo por ser o vestígio de um nada, e cujo suporte desde então não pode alterar-se, o conceito, resguardando a permanência do que é passageiro, gera a coisa. Pois ainda não é o bastante dizer que o conceito é a própria coisa, o que uma criança pode demonstrar contrariando a escola. É o mundo das palavras que cria o mundo das coisas, inicialmente confundidas no *hic et nunc* do todo em devir, dando um ser concreto à essência delas e dando lugar, por toda parte, àquilo que é desde sempre: *Kthéma es aei*. O homem fala, pois, mas porque o símbolo o fez homem (Lacan, 1953, p. 277-278).

Lacan, ainda nesse trabalho de 1953, aponta que os fundamentos que sustentam o lugar da psicanálise na ciência tiveram sua formalização mal introduzida, visto que referidos a um modelo experimental atrasado em meio século em relação à epistemologia de seu

tempo. Paul-Laurent Assoun (1983), ao abordar o conservadorismo epistemológico freudiano, demonstra que Freud, em sua ambição de dar à psicanálise um lugar nas ciências da natureza, estava ligado a modelos epistêmicos antigos, oriundos de conceitualizações da fisiologia, da química e da física referentes à década de 1840. Lacan expõe sua crítica nos seguintes termos:

Praticantes da função simbólica, é espantoso que nos esquivemos de aprofundá-la, a ponto de desconhecer que é ela que nos situa no cerne do movimento que instaura uma nova ordem das ciências, com um novo questionamento da antropologia. Essa nova ordem não significa nada além de um retorno a uma noção de ciência verdadeira que já tem seus títulos inscritos numa tradição que parte do *Teeteto*. Essa noção se degradou, como se sabe, na inversão positivista que, colocando as ciências do homem no coroamento do edifício das ciências experimentais, na verdade as subordinou a estas. Essa noção provém de uma visão errônea da história da ciência, baseada no prestígio de um desenvolvimento especializado dos experimentos (Lacan, 1953, p. 285).

Criticando a influência positivista no pensamento científico, Lacan convoca Teeteto, diálogo de Platão em que Sócrates indaga o jovem Teeteto sobre o que é o conhecimento. Ao longo do diálogo, a ideia de conhecimento como advindo da sensação, da percepção ou da opinião é refutada. A maiêutica socrática vai trabalhando a partir de perguntas que interrogam se é possível conhecer os elementos ou apenas as suas combinações (nada mais lacaniano!). Desvela-se uma concepção de conhecimento como ligado à racionalidade e à abstração.

Lacan assevera que essa concepção de conhecimento se degenerou devido à inversão efetivada pelo positivismo, que subordinou as ciências humanas às ciências experimentais, privilegiando a produção científica derivada de evidências produzidas por intermédio de métodos empíricos. Entretanto, a crítica de Lacan não se restringe a tal inversão, estendendo-se para a própria noção de ciências humanas e para a divisão do campo científico em ciências exatas e humanas. Mais tarde, ele afirmará: “É conhecida a minha repugnância de sempre pela denominação ‘ciências humanas’, que me parece ser a própria voz da servidão” (Lacan, 1965-1966, p. 873).

De outra forma, Lacan (1953) propõe “[...] centrar numa teoria geral do símbolo uma nova classificação das ciências em que as ciências do homem retomem seu lugar central, na condição de ciências da subjetividade” (p. 286). E assinala: “Aqui, já não parece mais aceitável a oposição que se traçaria entre as ciências exatas e aquelas para as quais não há por que declinar da denominação de conjecturais, por falta de fundamento para essa oposição” (Lacan, 1953, p. 287).

Assim, com a concepção de ciências conjecturais, Lacan (1953) indica o caminho da matematização do campo da linguagem, tomando os fonemas como “[...] função dos pares de oposição compostos pelos menores elementos discriminativos captáveis da semântica” (p. 286). Linguística, antropologia, física, matemática, teoria dos jogos, lógica, teoria dos conjuntos são algumas das disciplinas e das concepções às quais Lacan se refere como necessárias para a formalização dos conceitos psicanalíticos. De fato, ao longo de seus Seminários, acompanhamos o estudo exaustivo do campo psicanalítico por meio de instrumentos recolhidos (e subvertidos) por Lacan dessas disciplinas.

Em *A ciência e a verdade* (1965-1966), Lacan irá referir o seminário do ano anterior, *Fondements*, dizendo que nele estabeleceu o *status* do sujeito na psicanálise em sua estrutura de fenda, de divisão. Ele aponta que o reconhecimento do inconsciente, por si só, já coloca o analista em posição de lidar com essa divisão em sua prática, mas assevera que o empirismo não basta para que ele saiba o que está fazendo.

Lacan diz: “É preciso uma certa redução, às vezes demorada para se efetuar, mas sempre decisiva no nascimento de uma ciência; redução que constitui propriamente seu objeto” (1965-1966, p. 869). Assim, Lacan reivindica, para a psicanálise, uma formalização que a sustente como uma ciência moderna, na esteira das transformações científicas estabelecidas pela física.

Sobre a ciência moderna, Andrade e D’Agord (2020) destacam:

A utilização da linguagem simbólica da matemática pela ciência moderna ultrapassa a função de representação da realidade subjacente ou como recurso formal na organização dos dados da experiência, tal como era feito pelos astrônomos antigos e posteriormente pelos positivistas. O